António Corrêa d'Oliveira
Da Academia dcs Sciências de Lisboa
Da Academia Brazileira

ALÍVIO

DE

TRISTES

2.ª Edição

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
1918

ALÍVIO DE TRISTES

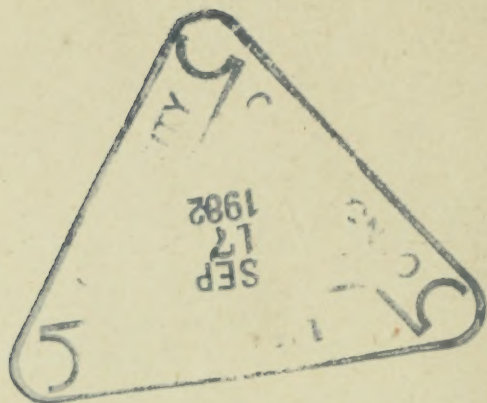
DO AUTOR

Ladainha, 1897.
Eiradas, 1899.
Auto do Fim do Dia, 1900 (2.ª edição).
Alívio de Tristes, 1901.
Cantigas, 1902.
Rimance do Berço, 1902. (Fora do mercado).
Raiz, 1903.
Auto de Junho, 1904. (Esgotado).
Ara, 1904.
Parábolas, 1905.
Tentações de S. Frei Gil, 1907.
O Pinheiro Exilado, 1908.
Elogio dos Sentidos, 1909.
Alma religiosa, 1910.
Cravos, 1910. (Fora do mercado).
Auto das Quatro Estações, 1911 (2.ª edição).
Dizêres do Povo, 1911 (3.ª edição).
Romarias (Separata d'«Aguia»), 1912.
A CRIAÇÃO — I. Vida e História da Arvore, 1913 (2.ª edição).
A Alma das Arvores, 1913. (Adaptação do anterior. Para as crianças).
Os Teus Sonetos, 1914.
Menino, 1914.
A MINHA TERRA — I. Caminhos — II. Auto do Ano Novo — III. A' Lareira — IV. Vida de Lavrador — V. D'Aquêm e d'Além-Ondas — VI. Do Meu Quintal — VII. Os Namorados — VIII. Auto de Junho — IX. Um Lenço de Cantigas — X. Cartas ao Vento.
Estas mal notadas regras..., 1918.

António Corrêa d'Oliveira
Da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brazileira

ALÍVIO
DE
TRISTES

2.ª Edição

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS-LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO
1918

Todos os exemplares serão autenticados com o emblema do autor

Tip. da A Editora, L.da — Conde Barão, 50 — Lisboa

Ao Domingos

«... como a noite caminha vagarosa, e eu vos considero desvelado, servirá de divertir o molesto o ouvirdes os periodos varios da minha vida: que he talvez allivio para um Afflicto ouvir os discursos da varia fortuna que os outros experimentam.»

«São as tristezas verdugos da vida, martyrios da alma, eclypses de todos os gostos, embargos das bonãças, rebates do descãço, e assaltos inseparaveis da tranquilidade, ainda quando se imagina mais segura.»

«Terminar a vida do sẽtido, será victoria da dor; porẽ deixar de publicar a causa he morrer de soffrido, sẽ procurar nẽ titulo na vida, nẽ fama na morte.»

P. Matheus Ribeiro.

INSCRIÇÃO

(1902 - 1918)

Então, disseram deste livro: — «Amigo:
Que lôgro nos fizeste, e ruim dano!
Que doces versos: musical engano
Com que nos levas a chorar comtigo!» —

Quiz emendar-me; para meu castigo,
Mostrar alegre coração humano...
(Pobre Cigarra!) Assim dei volta ao anno:
Tornando, em fim, ao meu sentir antigo.

O Poema triste! Abrindo-o, e olhando, agora,
— Espêlho de agua ao fundo de algum pôço, —
Vejo a minha alma, como a vi outrora...

Sómente, ao comparar-me, eu reconheço
Haver mais sol nas lagrimas de môço
Do que no vão sorriso em que envelheço.

CARTAS

I

Aqui eu tomo a pena, aqui escrevo
Pagando, em fundas horas de tristeza,
O pouco que à alegria ainda devo.

Bem triste é o meu viver: pois estranheza
Fôra já não haver olhos molhados
Ao levantar e ao pôr da minha mesa.

Não sei que estrêlas más, que negros Fados
Me fadaram o Signo em que nascia
Para dias assim atribulados.

Candeia desta vida me alumia
Com óleo do Jardim das Oliveiras,
Ardendo tôda a noite e todo o dia.

E nunca foram minhas companheiras
Horas doces de paz, mas só pelejas,
Só entre turbações, sempre em canseiras.

Sempre a ver derrocadas nas igrejas
Que, Apóstolo do Amor, hei construído
Por entre ingratidões e más invejas.

Sempre, constantemente repelido
Na aspiração ao Sonho que está pôsto
Lá sôbre etéreo assento inconfundido.

E tão engrandecido anda o Desgôsto
Que nunca reina em mim contentamento
Que não venha por êle a ser deposto!

E tão soberbo êle anda, e tão isento
O vejo de temor e de piedade,
Que já me vai tomando o desalento...

A Roda da Fortuna! Quem a há de
Parar, quando ela muda de mester,
Se torna em Roda da Adversidade?

Quem a rebelde Sorte há de reger?
Ou quem prevê os dias desiguais
Que em sua mão fechada pode haver?

Outros vivem na casa de meus Pais;
Campos que foram meus, já o não são;
Outros, que ainda o são, não serão mais...

Lá desde pequenino oiço um pregão
De tamanha desgraça e desventura
Que se me apertam alma e coração!

Já lá tenho meu Pai na sepultura.
De dois irmãos que tive, um lá ficou;
Outro, cá vem na senda da amargura;

E aquele Amor, o bem que me sobrou,
Minha única alegria, anda previsto
Que cedo a levará quem os levou:

Pois minha Mãe a vejo, e sempre hei visto,
Tão ralada de penas e tormentos
Que mais parece a mãe de Jesus Christo...

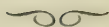
Minhas doces Irmãs e meus alentos,
Tão lindas como o lume do meu lar,
Mimosas como as freiras dos conventos:

Se um rouxinol morreu de tal cantar,
Receio que seus olhos esmoreçam
De tanto ver sofrer, tanto chorar...

Mas Deus queira que os homens não me empeçam
De lhes ganhar, aqui, em suas vidas,
O que elas lá no céu a Deus mereçam.

E, se emfim nossas penas são mer'cidas,
Ou se Deus por amor no-las há dado,
Eu as recebo de alma e mãos erguidas;

Mas chamarei a mim, para meu lado,
As penas que anuviam seus destinos.
E tu, Amor, me ensina o gesto e o brado

Com que Jesus chamava os pequeninos!

II

Às mal notadas regras que aqui vão,
Da varanda, onde estou, as vou traçando
Conforme as vai dizendo o coração.

«Varanda dos Martírios»: nome brando
Que esta varanda tem, das trepadeiras
Que por ela se vão entrelaçando

Nas rosas de toucar, espreitadeiras;
Rosas que foram beijos, quando amor
Houvesse nos abraços das roseiras.

Posso dizer, e digo, sem temor,
Que varanda não há mais amorosa
Por estas sete léguas em redor!

Inda ao peito da ama donairosa,
Inda ao colo da Aurora é o Sol menino,
E já ela se pinta de oiro e rosa!

Pois aquecê-la, desde pequenino,
É cuidado em que o Sol parece ver
O ponto principal do seu destino!

Começa, agora, o dia a esmorecer,
(Como quem vai p'ra héctico) doente,
Perdidinho da côr, mesmo a morrer.

O Sol, foi conduzindo, heroicamente,
O seu Povo de luzes à passagem
Do grande Mar-Vermelho do poente.

Vivo fogo do céu, sôbre a paisagem,
Põe ardências de febre na tristeza
Das árvores de pálida folhagem.

A moléstia do Outono, com presteza,
Levou galas e viços, para ofensa,
Para desaire e mal da Natureza;

Mas ai vem Abril: e, sem detença,
Uma Junta de Flores porá embargo,
Dará remédio e fim a tal doença!

Este Inverno, que foi agreste e largo,
Ensinou à paisagem certo modo
Bisonho, contrafeito, hostil e amargo:

É como quem passou um ano todo
Em lágrimas, em ódios, em canseiras
De que nas faces tem sinais a rôdo...

E, pelos campos fora, as oliveiras
Teem ar de perdão, e de apiedadas:
Um compassivo modo de enfermeiras.

Pelas sinistras serras, das nevadas,
Aqui e ali, o Sol deixou mordentes
Sulcos de neve, finos como espadas:

E, com os brancos veios reluzentes,
Os sêrros lembram feras monstruosas
Que nos estão a arreganhar os dentes!

Foram, pelas ravinas tormentosas,
Uns esforçados lavradores, arando
Terras, agora férteis e relvosas:

Á maneira de Heroes que, navegando,
«Entre gente remota edificaram»
Um novo Reino deleitoso e brando.

De resto, ao longe, só meus olhos param
Nos verdes pinheirais em rebelião
Contra a paisagem onde se criaram.

Entre relvosos campos, verde chão,
Há cómoros com troncos cheios de hera,
Escuros como traços de carvão.

Junto a um colmado alpendre, côr de cêra,
Uma mimosa em flor, tôda amarela,
Tem já garridos tons de primavera.

Em baixo, o rio tem brilhos de estrêla;
E ao pé, emquanto ceifa, uma mocinha
Traz ovelhas, pastando, em volta dela...

Na casaria, que se desalinha,
Lá pela encosta fora, em desafogo,
Tôda de pedra escura, ou cal novinha,

Umas negras ruínas lembram logo
Quando lá fui (já meia noite dada)
Com outra gente, p'ra acudir a um fogo.

Passam, agora, em frente, pela estrada,
Raparigas que veem de lavar
Nas murmurantes águas da levada...

*

Quantas vezes me deixo aqui ficar,
Nesta varanda, a ver se passa Aquela
A quem devo a alegria de chorar!

Aquela doce e singular Donzela,
Por quem me sinto bom, só porque choro,
E pecador me vejo ao lado dela.

Aquela a quem eu amo, e não namoro:
Pois meus olhos abaixo, quando passa;
Meu coração descora, e eu descoro...

Tôda luz, tôda airosa, tôda graça,
Ora é nuvem que o sol para si toma,
Ora é sol que uma nuvem despedaça!

É Anjo Gabriel que vence, e doma
A dor que assim me tenta; e também é
A tentação da dor que nela assoma!

Sou o que vou na arca de Noé,
Num dilúvio de penas, sem que ainda
Voltasse a pomba astral da minha Fé.

Há um desejo de morte que me alinda
A minha escura vida: mas, é certo
Que a tarefa a cumprir não está finda...

Na meia escuridão do meu deserto,
A minha própria sombra me assegura
Que uma Estrêla me vê, de longe ou perto!

E misteriosa luz, vinda da Altura,
Batendo na minha alma, tambêm faz
Uma sombra de luz nesta amargura...

Sou fronteiro do Sonho. Irei, audaz,
Á peleja por êle: é meu dever
Lutar, para alcançar o Amor e a Paz!

É preciso viver, para morrer:
Fazer-se da tristeza de vencido
A alegria do dia em que vencer...

Se não é de esforçado e destemido
Buscar na guerra a morte: pois maior
É quem lá vai feliz, por ter vivido:

Que Deus me ajude ainda a ter valor,
A defender a vida, e, nesta vida,
Alcançar, finalmente, um grande amor,

Assim eu visse sempre engrandecida,
Como ora vejo, a minha Fé! por quanto
Melhor ganhara a Graça apetecida;

Melhor ganhára o seu amor, que é tanto
Que, na terra era o céu, e até no céu
Fôra glória e prémio para um santo!

Mas as suas mudanças fazem que eu
Me alegre, como quem espera ganho,
Ou chore, como quem tudo perdeu!

Mudanças desta esp'rança (iado estranho!)
Me tornam num pastor que entre fraguedos
Vê sumir e volver o seu rebanho...

Sou como a fiandeira de olhos ledos,
Que tanto fia o linho da mortalha
Como bragal de noivos, por seus dedos!

Sou o que vou, sem armas, à batalha
E saio vencedor; mas vou armado,
E não há arma, então, que possa, e valha!

Sou tal e qual assim como um soldado
Que pensa em ir à terra: e logo pensa
Em que vai ser das balas traspassado...

Não há dia nenhum que me não vença
A idea de immer'cer, sem ver, ao fim,
Alta esp'rança de prémio e recompensa!

Porque, pōr esta vida, eu vou, assim,
Entre a Fé, que me escuda e que me ampara,
Com a Dúvida hostil ao pé de mim.

Mas antes, afinal, desesperára!
Pois o que esperas tu, meu coração,
Da sua alma soberba, agreste, e avara?

Antes não te servisse esta Ilusão:
P'ra que não fôsse esp'rança à tua mesa,
E o Sonho te não fôsse o Vinho e o Pão!

Oh! como agora a minha vida pesa
No seio da minha alma: aos olhos meus
Sobe o pranto de lá, sobe a tristeza...

Alma, que pões os olhos lá nos céus
Como escravo fiel em seu senhor,
Tu, que falas com Deus, pregunta a Deus:

— Que caminhos irão da escura dor,
Que caminhos irão dêste destêrro,
Á cidade da Paz e claro Amor? —

E, como quem responde á Vida e ao êrro,
Passa na estrada, vem devagarinho,
Velas acesas, cruz ao alto, o entêrro

De quem achou, emfim, o bom caminho...

III

Isto de se escrever o que se sente
A quem põe em nossa alma um brando olhar,
Parece até que alarga o peito à gente:

Portas do coração de par em par
Abrindo, como quem abre as janelas
De casa onde nos falta a luz e o ar!

Melhor do que falar com as estrêlas,
Pois posso enrouquecer, que não consigo
Ouvi-las cá na terra, ou entendê-las...

*

Tenho aqui, sôbre a mesa, um livro antigo
Aonde eu li a história comovente
Dum homem que se mata pelo amigo.

Um homem que viveu tão ferozmente
Que foi grã maravilha (diz a história)
Morrer por tal amor, piedoso e ardente.

Não por vaidade vã; porque memória
Ficasse do seu feito; ilustre fama
Eternizasse a vida transitória:

Mas só porque em seu peito viva chama,
Pura língua de fogo lhe falava
Na viva linguagem de quem ama.

E, depois de isto ler, considerava
Como um tal coração, par'cendo mudo,
Tão alto a lei de Christo proclamava!

E vi que a Natureza acode a tudo:
Dá à mais viva fraga a fonte clara,
Amor ao coração mais bravo e rudo.

Fui louvando a Amizade, (inda que avara
Foi sempre de seus dons) e fui lembrando
Os antigos louvores que grangeára.

Lembrei os que a serviram: praticando
Finezas de alto amor, o sangue caro
E lágrimas de sangue derramando;

Ou com a pena ilustre (pois reparo
Que, quando Amor se vê num livro aberto,
A tinta é sàngue vivo, ardente e claro).

Já Cícero lá diz, com grande acêrto,
Que a Amizade só tira da virtude
Sua origem, seu sustento, e seu concêrto.

E quer que seja a Fé (porque não mude)
A base em que ela assente, tendo-a em mais
Que as honras, que a riqueza, que a saúde!

Por amizades finas e liais,
Quem nos livros antigos esmerilha,
Vê os homens tornarem-se imortais:

Unir dois corações à maravilha,
Moldando um pelo outro o sentimento,
Como se amolda a água a uma vasilha!

Contam que certo Rei, mais opulento,
A Alexandre mandara uma embaixada
Com um recado irónico, mofento:

— «Que lhe dissesse, prestes, se enterrada
Tinha a sua riqueza; onde a escondia;
Em que parte da terra era guardada;

Pois que, com seus exércitos, iria,
Sem sombras de temor, ganhar-lhe, emfim,
Tesoiros de tal preço e tal valia.» —

E respondeu-lhe o Macedónio assim:
— «Os tesoiros do Rei que são? Antigos
Cofres de prata e oiro: oiro ruim

Que não vê nem previne o mal e os p'rigos...
Dizei-lhe lá que os meus tesoiros, são
Os puros corações dos meus Amigos.» —

Finezas doutro Rei me lembrarão,
Que por Cambyses foi, em guerra dura,
Desbaratado, e pôsto em sujeição;

E a quem, para aumentar sua amargura,
(Pois não bastava já ao vencedor
O ver um claro Rei em pena escura)

Com grande tirania mandam pôr
Junto aos muros de Memphis, e mostrar
Ao povo, como torpe e vil traidor.

E dizem que, dali, vira passar
Uma Filha que tinha, e muito amava,
E tão mimosa fôra no seu lar:

Ai que mimosa fôra! E agora, escrava,
Juntamente co'as mais, tão lastimosa,
Numa pesada bilha água passava...

Movia à compaixão, de desditosa:
E a fonte, onde ela foi tão tristemente,
Se ficou, de tal pena, mais chorosa!

E mais que viu passar, na sua frente,
Um outro Filho seu, a quem levavam
A degolar, menino e inocente!

Em roda, os seus vassalos soluçavam;
E o Rei não deu sinal no seu semblante
De que alma e coração se lhe apertavam!

E só quando, afinal, chegou, diante
De si, o Amigo a quem havia honrado,
E ali pedia esmola... Nesse instante,

O generoso Príncipe, banhado
Em lágrimas de dor, e entristecendo,
(Se entristecê-lo mais podia o Fado)

Entre prantos e ais ia dizendo:
— «Que as penas de seus filhos, incluídas
Na sua própria dor iam correndo;

Eram já como suas recebidas:
E chorá-las ali, fôra um sinal
Indigno de almas fortes e subidas.

Mas, vendo o seu Amigo em ânsia tal,
Com pranto e piedade o socorria,
Que mais poder não tinha, por seu mal.» —

Com mor cópia de exemplos mostraria
Quanto a Amizade foi engrandecida
Pela mais alta e sã Sabedoria,

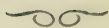
Se não fôsse mais forte e comovida
A voz do coração que a voz das Eras
Pelos ecos dos livros repetida.

Como, da terra, à voz das Primaveras,
Brotam galas em flor, faz a Amizade
Brotar do coração vozes sinceras.

Esp'rança viva na adversidade,
Retiro da Alegria nas venturas,
Consolação de tristes na orfandade:

Louve-se, aqui na terra, e nas alturas,
O bom Deus que tocou com tal amor
O amargo coração das criaturas.

Que de mim sairá êste louvor,
E os outros ouvirão o que ora digo:
Não passa a vida em puro dasamor

Quem tiver a seu lado um puro amigo.

IV

Nuvens negras que vão no firmamento,
Que distante país demandarão,
A que parte do céu as leva o vento?

Que cabos já dobraram? Buscarão
(Quem sabe lá?) o Sol: e, junto à Aurora,
Pelas ribas da luz naufragarão...

Assim foram meus sonhos; assim fôra
O seu estranho fado: e se apartaram,
E jà não sei onde é que vão, agora!

Que nunca mais as suas naus voltaram
Dessa parte do Mundo tão remota,
E do profundo mar que navegaram...

Minha frota de sonhos, nova frota
Com lágrimas de sangue aparelhada,
Vai tambêm tu seguindo a tua rota!

Ao longe fica a Índia abençoada:
Índia de paz e amor, Índia da Morte,
La onde a roxa Aurora tem morada...

Ah! quem me dera ter a linda sorte
Dos que andaram por longe, batalhando,
De alma leda e gentil, e airoso porte;

Vir de apartadas terras navegando
Por amor singular duma Donzela,
Que a derradeira vez visse chorando.

E, mal chegasse ao Tejo a caravela
Onde eu viesse de ansioso peito,
Irem logo meus olhos dar com Ela!

E o olhar da minha alma, andando afeito
A ver, em campo e mar, a dura morte,
Ante Ela fôsse humilde e contrafeito:

Pois que (sendo menina!) fôra forte,
E me vencera a mim, varão e rude,
Trazendo em sua mão o Fado e a Sorte!

*

Em pelejas de Amor jamais eu pude
Usar de tirania por defesa,
Usar de falsidade que me escude.

Mas, porfiando um dia (por firmeza)
Fui de peito inimigo, meu senhor,
Rendido em desbarate e grã tristeza!

Prometi vassalagem; e, em penhor,
Dando o meu coração, me fui no encalço
De maior sujeição e desamor.

E, qual Egas Moniz, por não ser falso,
Ante a que me venceu com doce paz
Irei de dó vestido, irei descalço.

E a quem, por ser tão linda, assim me traz
A finezas de amor tão obrigado,
Tais palavras direi, serêno e audaz:

— «Já que me tendes como condenado
A viver sem ventura, é bem melhor
Que tente extremos, como aventurado!

Que ponha, emfim, embargo ao meu temor,
E, resoluto e firme, saia eu
A defender, Senhora, o meu amor!

E já que poude tanto, e me venceu,
E as minhas tristes lágrimas soltou,
Me solte, agora, a voz que me tolheu:

Fale, quem, ante vós, jamais tentou
Rezar, como sabido, o Padre-Nosso...
Pois que memória e alma Amor turbou!

Mais tolhido da fala era esse môço
Que, de repente, pede a vida cara
Do Pai, a quem cortavam o pescoço!

E em Samo, ao lutador que triunfava
O prémio se negou: e então se conta
Que, sendo surdo-mudo, se queixara!

Se num o amor ao pai, se noutro a afronta
Poude emendar a própria natureza,
Lá como a história antiga nos aponta:

Não há de parecer coisa defesa
Que vença o meu temor, e que vos fale,
E que embrandeça, emfim, tanta dureza...

De que vale viver, de que me vale,
Se, de mim próprio andando descuidado,
Não há quem em cuidado a mim se iguale?

Pois lá disse Platão que o namorado
Anda em si como morto, por viver,
A mais, no seu desvêlo e empenho amado.

Argos sou, infeliz, que o meu poder
É guardar um rebanho de tristezas,
Com cem olhos abertos para o ver.

Olhos desta alma, para ver durezas,
Candeias de tal luz e tal mester,
Que fazem tudo escuro quando acesas!

E acesas andam sempre: assim o quer
Quem nasceu com tão dura condição,
Que nem piedosa é, sendo mulher!

Meu triste coração, ó coração
Das fundas cinco chagas, dos tormentos,
E da divina e doce mansidão:

Olha como das pedras dos moimentos
Formou Deus esse Corpo mais perfeito
Que os mais justos e lindos pensamentos!

E pensar eu que pode andar afeito
A só marcar-te as horas dos cuidados
O coração que bate no seu peito!» —

*

E ali hei de dizer-lhe, olhos molhados,
Como quem, ante Deus, firme e contrito,
Fizesse a confissão dos seus pecados,

As penas dêste amor, que (estava escrito
Na Escritura do Sonho) assim padece
Para assim ser perfeito e ser bemdito.

E como a minha bôca a engrandece;
E como fôra doce amargo pão
Se um dia à minha mesa ela comesse;

E como a benze a minha própria mão
Quando, no peito e no meu rosto, fáço
Alto Sinal da Cruz do bom cristão;

E como fôra forte, então, meu braço
Que em fértil, rico, alegre, tornaria
Qualquer palmo de terra, o mais escasso;

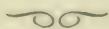
E como, às vezes, de repente, a via,
Sem saber se em meus olhos, se no ar,
Se dentro da minha alma aparecia...

Mãos postas, alma erguida, baixo o olhar,
Depois, preguntarei se me perdoa
Esta culpa fatal de tanto a amar.

E talvez que ela, então, serêna e boa,
Olhos em pranto, bôca iluminada,
Piedosa se comova, e se condoa...

Mas pára, fantasia aventurada!
Torna atrás, coração, que vais perdido...
Ó enganosa esp'rança de enganada!

O meu entendimento escurecido!
Como é que no Naufrágio, no Revês,
Sonhas o Amor e a Paz, nauta atrevido,

Desgraçado poeta Português?

V

Em meio duma antiga herdade, fora
Das outras, fica a minha casa. Ao vê-la,
Logo dirão que é pobre e humilde... Embora!

Ainda eu ontem vi, como a benzê-la,
Que dois bandos de pombas se cruzaram,
Fizeram uma cruz por cima dela...

Ledos dias que nela se passaram!
Nas luzes da lembrança aqui chamados,
As luzes da alegria me avivaram.

Dias da meninice tão gabados,
Que mais perfeitos foram se pudesse
Conhecer-se o seu bem, quando logrados.

Mas é certo que a gente não conhece
O bem quando o possui, mas lá só quando,
Fantasma do Passado, êle aparece...

Se algum dia de bem se vai passando,
O coração o dorme: e só desperta
Quando as sombras da tarde vêm chegando...

Alta noite, depois, como uma aberta,
Uma réstea de sol, é que alumia
O luar da Saudade a sombra incerta...

Criou Deus, lá no céu, a Academia
Onde a Saudade estuda, onde pintora
Se faz do morto bem, que se esquecia:

Pois se não fôra ela, se não fôra
A memória do bem que já passou,
Ninguêm sofrera o mal de tôda a hora.

Quando meu Pai partiu, quando abalou
De ao pé da gente, e nos deixou tão sós,
Pois só por elle é que Jesus chamou,

(Teria eu doze anos) ainda nós,
Mais felizes, viviamos, então,
Na casa de seus Pais, de meus Avós.

Mas já de aqui se foi meu pobre irmão
Inda na flor da idade: triste flor
Com sinais de Martírio e de Paixão!

Era um môço cheiinho de vigor
Que se empenhou um dia, por desgraça,
Em ter a uma Menina um grande amor.

Não lhe foi a ventura tão escassa,
Que não houvesse dela amor igual,
A mesma grande luz, a mesma graça.

Mas, como éramos pobres, afinal
Lá foi para o Brazil, voltando, em breve,
Com moléstia de peito a Portugal...

Emquanto sôbre a terra ela inda esteve,
Por seu divino amor, seu lindo bem,
Fingiu à alma fôrças que não teve...

Mas quando o mesmo mal, sem que ninguêm
Lhe pudesse valer, a leva a ela...
Então, não poude mais, e foi tambêm.

Disseram-me, depois (que triste estrêla!)
Que, p'r'o ver, junto à morte ela pedia
Que a levassem, ao colo, à janela...

E como isto, meu Deus, me entristecia!
Era pequeno, então, mas fiz uns versos
Que faziam chorar sempre que os lia...

Mas amou, foi amado! Assim adversos,
Se iguais deviam ser nossos destinos,
Em mim o duro amor os fez diversos...

Meu pensamento é como os pequeninos
Que num jardim se ferem nas roseiras,
Em doida correria, em desatinos!

Quero falar em coisas mais fagueiras,
E vae, logo me arrasta e me encaminha
Para as tristezas, suas companheiras.

Já me tem alembrado ir, manhãzinha,
Minhas mágoas chorar, deixar meu pranto
Sôbre as águas do Vouga, a ver se tinha

Poder para as levar, tão longe, quanto
Ele anda, terra fora: mas duvido
Que a fôrça da corrente ousasse tanto!

Porque êle é bem notado e conhecido
Por ser serêno e manso, e raramente
Ser visto revoltado e embravecido.

Vai, sob os amieiros, brandamente,
Chorando, de mansinho, entre os penedos,
Como quem tem saudades, anda ausente.

Lá vai, a recontar os seus segredos,
As histórias de santas, ou de amores,
E quem saberá lá se de bruxedos...

Ainda há pouco tempo, uns pescadores
Encontraram nas redes recolhidas
Um painel (que me deram) onde as côres,

Tão desbotadas e desvanecidas,
Perturbam de mistério e de incerteza
As figuras ali reproduzidas.

Representa o painel (e faz tristeza!)
Uma menina, morta no seu leito,
Ar de martírio e mistica pureza:

Esguias mãos, unidas sôbre o peito;
Um sorriso na bôca, que parece
Aos sorrisos do céu andar afeito...

Aos pés do leito, então, logo aparece,
Numa nuvem de luz, Nossa Senhora,
Que parece falar... Ao fundo, vê-se

Um comido letreiro, aonde agora
Há só estas palavras: POR AMOR...
UM MILAGRE QUE FEZ. AQUI IMPLORA

Ai! quem me dera a mim ser o pintor
Que fêz um tal painel, porque seria
Dêste lindo milagre sabedor.

Assim, meu sentimento e fantasia,
Na noite do Mistério, irão, ousados,
Correndo pelas sombras, à porfia...

Talvez que essa menina, olhos fechados,
Os olhos do seu bem-amado visse
Ás lágrimas abertos e votados,

Por não ser visto... E um dia, com meiguice,
A Virgem Milagrosa, aparecendo,
Fechasse os olhos dêle, os dela abrisse...

Ou fôsse da Moirama: e então, morrendo,
Com sua mão direita se benzeu,
O verdadeiro Deus reconhecendo!

E, de tal me lembrar, me lembro eu
Do «Penedo da Moira» cuja lenda
Aqui nunca se soube, ou se esqueceu...

Mas é preciso, emfim, que me suspenda,
E me não vá, agora, de longada
Pela senda do Sonho: aquela senda

Que por tantos tem sido procurada,
Sem que inda fôsse algum Vasco da Gama
Para levar ao fim sua jornada...

Terras de ao pé do Vouga, quem vos ama
Mais que o meu coração? Quem mais deseja
Lançar alto pregão da vossa fama?

Que outra voz sôbre a terra vos festeja,
Que, sendo tão humilde, mais lial,
Mais amorosa e comovida seja?

Meu lindo Vouga, rio de cristal,
Ai! quem me dera a mim ser o Camões
Dêste outro Portugal de Portugal...

Buscar lendas antigas, tradições,
Cantar feitos de amor, feitos subidos
De gentis Cavaleiros, e Barões.

Levantar, com amor, muros caídos
Dêsse velho castelo abandonado
Que meus olhos enxergam, comovidos;

Dêsse velho castelo derrocado
Que (dizem) foi a nobre moradia
Daquele a quem chamaram «Decepado.»

Cantar o Portuguez que em certo dia,
Entrou no «Figueiral», onde amoroso,
Três chorosas cativas defendia...

Mas, se tanto não ouso, pois forçoso
Me fôra ter aprimorado engenho
Que me levasse à Lide, corajoso;

E já que mais não dou, que mais não tenho:
Faça ao menos correr, de vale em serra,
A fama do desejo em que me empenho.

E em paga dêste amor à minha terra,
Seus filhos, meus irmãos, hão se empenhado
Em abater-me a alma em dura guerra!

Como me vêem forte, e rebelado
Contra essa estranha, vil dominação,
E lei usurpadora do Pecado;

E como restaurei meu coração,
Pois em seu trono Amor só hoje ordena,
(E a tudo acode a sua Ordenação)

Erguem-se contra quem, de alma serêna,
Nem os vê, (por só ver a Terra Ignota)
Brandindo em suas mãos o Agravo e a Pena.

Mas, na hora da morte, hora remota,
Ou próxima, talvez, eu hei de ter
Batalha inda maior que Aljubarrota!

E como será bom, então, vencer
Os que na vida foram contra mim,
Como um Pobre Jesus, sem lh'o mer'cer!

Pois, se me querem mal, não é, emfim,
Por eu ser rancoroso, ou odiento,
Mas só com raiva de eu não ser ruim!

Se eu fôsse traiçoeiro, e andasse atento
Em lhes ganhar aqui o maior mal,
Houvera mais amor, e valimento.

Mas Deus me faça, assim, sempre lial,
E perseguido, sim! nunca vencido,
Como o bom povo diz de Portugal.

Quanto mais tormentoso e mais comprido
O meu caminho for, mais junto aos céus
Estará o seu termo apetecido...

Índias da Terra, eu vos direi adeus!
E, como Afonso d'Albuquerque, um dia,
Mal com os homens por amor de Deus...

O pranto é isto: a Fonte da Alegria!

VI

E preguntei assim: — «Ó minha pena,
Voz do meu coração, o que escreveste
Nesta tarde de Março tão serêna?» —

E a pena perguntou: — «O que disseste
Quando o vento do Norte te investia,
Ó Pinheiral da serra, altivo e agreste?» —

E disse o Pinheiral: — «Rôla bravia,
Quando mataste a sêde na corrente,
De que é que ela chorava? que dizia?» —

E preguntou a Rôla: — «Astro cadente,
Pois se tu não tens àsas, se és estrêla,
Porque vôas tão alto, ousadamente?» —

E a Estrêla respondeu: — «Linda donzela,
Que estás no teu jardim a desfolhar
Um malmequer, que sonhas?» — E diz ela,

Mas vagamente, como que a scismar:
— «Bem me quer, mal me quer...» — E vão voando
As fôlhas, uma a uma, pelo ar.

Bem me quer, mal me quer! Eis que cifrando
Se vai, aqui, a ânsia incompreendida
De quantos vão sonhando, e vão amando.

Ó triste malmequer, ó flor nascida
A êsmo, em tôda a terra, onde o Senhor
Simbolizou, talvez, a nossa vida:

És a Lágrima e o Riso: és o Temor!
Nas tuas fôlhas se resume a escura,
A misteriosa Bíblia do amor...

Ó Sorte poderosa, ó Sorte dura,
Ordenação do Fado, Eucaristia:
Vinho de riso e luz, pão de amargura!

Ó Esfinge, ó Mistério, ó Noite, ó Dia,
Ó papel em que Deus, por sua mão,
Em língua incompreendida me escrevia!

Ó Árvore da Vida que no chão
Marcas as longas horas da tristeza,
Nas sombras que entre o Céu e a Terra vão!

Ó Perdulária santa! ó Avareza!
Ó fonte original da Lei sagrada,
Alta e imutável lei da Natureza!

Ó inconstante Sorte indecifrada,
Que na própria inconstância me vais dando
A esp'rança de te ver inda mudada:

Como a doce Maria que, chorando,
Pede ao Pai que socorra, ajude e valha
Ao triste reino de Castela, quando

Nêle a turba infiel, e má, se espalha:
Tambêm minha alma, triste e comovida,
A quem tormentas grandes dão batalha,

Te vem pedir socorro, de ofendida
Por ver-se em sujeição, sendo Raínha,
No miserando reino desta vida,

Onde Amor a traíu no amor que tinha!

VII

Era uma vez um Ermitão. Lá tinha
A sua ermida, numa dura serra,
Como ao seu triste coração convinha:

P'ra que, unindo a soidão da escura terra
Á luz do Pensamento e da Oração,
Fizesse ao Vício e ao Erro a maior guerra;

Dos enganos do Mundo, falso e vão,
Nas certezas do Céu melhor pusesse
Seus olhos, sua fé, seu coração;

E a Deus erguesse esta alma, que conhece
Os caminhos do Céu, que vai descendo,
E subir, de saúdosa, lhe apetece...

De lá, do seu destêrro, estava vendo
Os rios dos enganos dêste Mundo
Que pela vida triste vão correndo,

Tão traiçoeiros como o poço imundo
Que finge estrêlas no seu seio, quando
Só lôdo vil se encontrará no fundo...

Mas, às vezes, tambêm, não alcançando
Os desígnios de Deus, jà duvidava
Da inteireza, e justiça do seu mando!

E, de si para si, considerava:
Que, se o Prémio ao Bem correspondia;
E a culpa feia e má se condenava;

Quem pena e galardão distribuia,
Com injustiça e com desigualdade
Seu justo e bom emprêgo confundia!

Pois na terra se via, na verdade,
A soberba Avareza, enriquecida;
E com mínguas d'amor a Caridade!

E, nos vários estados desta vida,
Sempre a forte Virtude desprezada,
E a miserável Culpa ennobrecida.

A sã Sabedoria, abandonada;
Os néscios, com estima; a Diligência
Pela Preguiça inútil alcançada...

Com mil apuros vãos de paciência,
Pelo atalho da dúvida cuidava
Chegar à larga estrada da Sciência!

Mas esta tentação o atormentava;
E tanto êste cuidado o entristecia,
Que já por penitência o procurava!

Mas, uma vez (que muito se afligia)
Um Anjo lhe aparece, disfarçado
Num mancebo gentil que lhe dizia:

— «Queres saber aquilo que vedado
Sempre tem sido a todo o entendimento,
Ainda ao mais seguro e levantado?

«Vem comigo, e verás que num momento
Alcanças o que nunca alcançariam
As águias desliais do Pensamento...» —

Pouco depois, os dois, de ali partiam.
Longa jornada andaram nesse dia.
Quando os raios do sol se recolhiam,

Foram dar a uma casa, onde vivia
Um homem pobre, sim, mas virtuoso,
Que com grande primor os recebia:

Assentando-os à mesa, pressuroso,
E servindo-lhes vinho, em taça de oiro
De debuxo e lavor tão precioso

Que tornava o metal mais duradoiro,
E do bom pobre alegre, finalmente,
Era o amado e único tesoiro...

Vai o Anjo, depois, ingratamente,
Furta-lhe a taça: pelo que o Ermitão
Se escandaliza, e doe íntimamente!

Andaram todo o outro dia; e vão
Bater à porta dum palácio nobre,
Onde lhes dão, por ceia, água e pão;

Por cama, táboas que nem manta cobre...
Que faz o Anjo? — Dá ao avarento
A taça de oiro que furtara ao pobre! —

Andam mais outro dia. E a seu contento
Um bom homem honrado os hospedava:
Lhes dava cama limpa, e mantimento,

E o seu melhor criado aparelhava
P'ra lhes servir de guia... E o Anjo, pega
E afoga-lh'o da barca em que o passava!

Lá seguem na jornada. Mas, adrega
De hospedá-los, agora, um lavrador
Que num tenro filhinho só emprega

A sua viva esp'rança, o seu amor...
Altas horas, o Anjo vai ao berço
E mata o inocente!... Em tal horror

Se fica o santo do Ermitão imerso,
Em sentimento tal, que logo jura
Deixar quem se mostrava tão perverso.

(Rompia a aurora de entre a noite escura.)
E, como o julga o Espírito Maligno,
Com o Sinal da Cruz êle esconjura

Seu aleivoso companheiro indigno...
O Anjo não fugiu: mas lhe tornou,
Poisando nêle o seu olhar benigno:

— «Eu não sou quem tu cuidas; antes sou
Um Anjo do Senhor. À terra vim
(Coração de Jesus que se alegrou!)

«Por livrar-te da Dúvida ruim,
Ensinando-te a ver, como verás,
Nos Juízos de Deus... E tu, de mim,

«Agora, finalmente, saberás
Que, se furtei a preciosa taça
Ao velho humilde que vivia em paz,

«Foi para que, perdendo-a, desta escassa
E miserável vida, olhos levante
Áquela melhor Vida, a que se passa;

«Pois só a taça via, tão amante,
Que da hora da Morte se esquecera,
E do nome de Deus, como inconstante!

«Ao avarento a dei, pois justo era
Se lhe pagasse certa boa acção
Que, piedoso, um dia cometera:

«Dando-lhe Deus, na terra, o galardão
Que por ela mer'ceu, pois, no outro mundo,
Só penas, pelas más, o aguardarão.

«Lancei o servo ao rio negro e fundo
Porque intentava, (cara de inocente!)
Quando o amo dormisse, mais profundo

«Sono lhe dar na morte: Sábiamente,
Eu lhe tirei a vida, e conservei
A de quem nos tratou benignamente.

«E, finalmente, agora, eu abafei
Esse tenro menino que, nascendo,
Fêz esquecer ao pai a doce lei

«Da santa Caridade: pois que, sendo
Tão amoroso e bom seu natural,
Com os olhos no filho, e já não vendo

«Outra coisa seus olhos, (por seu mal)
Ia apertando a mão no fazer bem...
Fez-se avarento, sendo liberal!

«E a Pobreza, de novo, agora tem,
Em tão saúdoso pai, um Pai que a vê
Por não ver sôbre a terra mais ninguêm...

«Mas, se tu lêste o que ninguêm mais lê
Neste livro de Deus, oh! nunca esqueças
Que a Sciência melhor a ensina a Fé.

«Que, por mais que tu saibas e conheças
Do Livro do Destino, acharás nela
Lição com que te apures, e esclareças...» —

Diz. E desaparece, como estrêla
Que, em vez de vir do céu, da terra ao céu
Se fôsse erguendo, magestosa e bela.

E tiro esp'ranças, e energias (eu!)
Desta história que li num livro antigo,
Onde me juram que ela aconteceu.

Pois, se bem sei que há muito tempo sigo
No caminho do Amor, e em recompensa
Só desventura e desamor consigo:

Agora vivo, emfim, na grande crença
De que êste mau processo de amarguras
Colherá alegrias, por sentença

De Deus, juiz na terra, e nas alturas!

VIII

A estrêla do Sorriso há de brilhar
Em hora e em luz de sesta abençoada...
Meus olhos, vós haveis de descansar!

Inda na terra me estará guardada
A Tença de alegrias, merecida
Na grande cerração desta jornada.

Com tal carinho tratarei a vida,
Que dela eu hei de haver um bom sorriso,
Que mais não seja, de reconhecida!

Terei fôrça e saúde, pois preciso
Fazer as minhas noites e manhãs
Das sombras e do sol do Paraíso.

E vós sereis, também, as castelãs
Do castelo fiel de Sonho puro
Que eu ando a construir, minhas Irmãs.

E tu, ó minha Mãe, aqui te juro
Pela cruz desta Esp'rança, que serei
O teu contentamento, no futuro.

Sairei a lutar. Trabalharei.
Meu trabalho será abençoado:
Pelo teu Santo Nome o abençoarei.

Esta quinta que tanto tens amado,
Onde árvores plantou o amado Morto,
Onde árvores eu tenho já plantado;

A terra que tem sido o nosso Horto
Nas horas de agonia, e que vai sendo,
Neste grande naufrágio, o doce pôrto:

Olha tu, minha Mãe, como a estou vendo
Encantado jardim, onde abrirá
Tôda a Rosa do Sol que vem nascendo...

E como alegre e linda ficará
Aquela grande casa que mandaste
Principiar, há tanto tempo já!

Onde o meu quarto (assim o destinaste,
Uma noite, ao serão) para o Nascente
Olhará, e será como ideaste...

E, no v'rão, hão de vir p'r'ó pé da gente
Almas que vivem longe e que a Saudade
Á nossa beira traz, constantemente.

Será sonho, de linda, a realidade!
E até eu, sendo amado, irei, então,
Num sonho de esplendor e claridade...

Ah! como te bemdiz meu coração;
E quantas bôcas, radiosa Esp'rança,
Da mesma sorte assim te bemdirão!

Também a tua bôca se não cansa
De falar à minha alma... Até parece
Que, para ouvi-la, o Tempo doma e amansa

A fúria da carreira; que se esquece
(O Correio de Deus!) dessa mensagem
Que a dura morte aguarda; e que adormece!

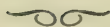
És como aquela Ave, de plumagem
Brilhante como o Sol, que, em breve canto,
(Pois breve pareceu!) de entre a ramagem

Tresentos anos entreteve um Santo,
Que, voltando de ouvi-la ao seu convento,
Tudo achava mudado, por encanto!

Se deixasse de ouvir-te; num momento
Eu regressasse, agora, à portaria
Daquele antigo e negro Sofrimento:

Como tudo, também, estranharia
Esta pobre alma, extática, absorta
Num encanto de luz e de harmonia!

Bem sei que é ter a Noite à minha porta,
E, da janela, namorar o Sol...
É sonho? é ilusão? O que me importa?

Bemdito sejas tu, meu Rouxinol!

IX

Há dias, de manhã, tinha acordado
Alegre, como quem ainda via,
No pensamento, um sonho mal sonhado:

Um sonho bom, um sonho de alegria
Que o Sol estremunhou, mas que ficava
Dentro em meu coração, à luz do dia!

A tôda a hora o via, e relembrava;
E, na Aleluia santa da Lembrança,
Mais cheio de esplendor ressuscitava.

Que lembrar é viver numa abastança
E riqueza de bens, passados já,
Mas que a Saudade novamente alcança:

Como um rio (se é noite) que nos dá
A ilusão de que em si se vai contendo
O que por cima e em derredor está;

E já aos nossos olhos vai par'cendo
Que, na água, a distância indefinida,
Outro céu, outros mundos se estão vendo;

E cada árvore verde é reflectida
Com mistérios de sombra e de incerteza
Que as fazem parecer duma outra vida;

E nas estrêlas há maior beleza:
Que as não materializa o pensamento
Dando-lhes forma, leis, e natureza;

Ficando ali, emfim, o sentimento,
E a fantasia, a ver, num desvario,
O que não cabe já no entendimento...

Assim é a Saudade: o doce rio
Que da Lembrança nasce, e vem andando,
Aqui ameno e claro, ali sombrio!

Mas ia eu dizendo, ia contando
Que há dias, de manhã (aqui eu ia,
Há bocadinho, neste ponto, quando

No rio da Saudade me perdia...)
Tendo acordado alegre, diligente
Me fui a ver o Sol que amanhecia,

Assomava no céu, alegremente,
Num sorriso espontâneo, claro e liso,
De inocência e de amor, de adolescente;

Como, numa manhã do Paraíso,
Nosso Pai Venerando, olhando Eva,
Haveria de ter o seu sorriso...

Foi do caminho rústico que leva
Ás velhas noras, cheio de amoreiras,
Rente dum alto muro que se eleva

Coberto de heras verdes, e videiras.
No largo campo, ao lado, se alinhavam,
Num sulco escuro, as marcações das leiras,

Que, mesmo só por si, se dif'rençavam:
Pois tôdas elas iam variando
Na feição e no modo que mostravam;

Como se fôssem já participando
Do carácter, da vida e coração
De quem as cultivava... Hostil ou brando,

Era, assim, o seu ar; sua expressão,
Ou de grande tristeza, ou de alegria;
Umas estavam verdes, outras não.

Uma até me fêz pena: Que bravia
Restêva de trigal, queimada e dura!
Que expressão de abandôno! Pertencia

A um velho, humilde, triste e sem ventura,
Que tinha os filhos no Brazil, e tinha
Sua pobre mulher na sepultura.

Logo a seu lado, então, sua vizinha,
Estava uma outra, tôda num primor
De galas e de viços, donde vinha

Um brilho de saúde e de vigor;
E onde (a toalha no chão, enxada ao lado,
Um cão de olhar guloso, brôa à flor

Do caldo a fumegar,) um namorado
E casadinho par, nesse momento
Almoçava, feliz e socegado...

Trazia o Sol, no seu levantamento,
Dentre as franças agrestes dos pinheiros,
Um perfeito e lial contentamento.

Sob o translúcido véu dos nevoeiros,
Assinalando o rio, iam surgindo
Perfis misteriosos de amieiros.

Um melro, a assobiar, talvez fingindo
Que mofava do amor, esvoaçava,
E a leda companheira ia-o seguindo.

Pelas areias de oiro se espraiava
O minguado rio, parecendo
Que inda meio a dormir se espreguiçava!

Por êle, aqui e alem, se estavam vendo
Viçosos raizeiros que fingiam
De pequeninas ilhas. E, correndo

Numa suave curva, as águas iam
Até que, sob a ponte, numa ogiva
De templo de outras eras, se sumiam.

Chilreira passarada, inquieta e viva,
Saltava, duma para a outra margem,
Numa inocência alegre e primitiva.

Voando, um pica-peixe, de plumagem
Verde e vermelha, como que afrontava
A natural pureza da paisagem...

Ao cimo, contra o açude onde còrava
Roupa branca de neve e de outras côres,
A lavadeira môça que lavava

(Iam passando perto uns caçadores...)
Lembrava lendas portuguesas, quando
Falava em certa «fonte dos Amores»...

E no seu vale de lágrimas, chorando,
Tinham as tristes Noras piedosas
Um ar humano, quasi venerando...

Aquelas santas Noras dolorosas
Que parece que teem Coração:
Liais, trabalhadeiras, caridosas!

Noras que eu sempre conheci, e são
Iguais nas duras penas, nas canseiras,
E nos dias de vida e de aflição;

Mas, uma, porque chora horas inteiras,
Contando suas mágoas, bem parece
Que as torna mais suaves e ligeiras!

E a outra, a quem eu vejo que falece
O doce dom da fala, e nunca chora...
Chamam-lhe a «Nora Velha», e mais padece.

Corações que sofreis, direi agora:
— Abençoai as lágrimas! Sabei
Que isto que vi naquela e nesta nora

Em vós também o vi, e confirmei.

X

Chorei, meu Deus, e amei; e sem mer'cer
Amor que me acudisse, e levantasse
Onde Amor, por amor, nos pode erguer!

E rezo e canto em vão, como se andasse
Lá onde, desterrado, entre cativos,
A língua de Camões ninguêm falasse...

E, pobre lutador de olhos altivos,
De coração humilde, soluçando
Com saudade dos mortos, entre os vivos

Caminho entre traições e enganos, quando,
Sôbre a palma da mão, hei amostrado
Coração amoroso, ingénuo, e brando.

E vivo entre alegrias, comparado
Ao que padece sêde, e morre à sêde
Sôbre as águas sem fim do mar salgado...

Que a firme desventura, que não cede
Em fúria ao mar bravio, não se cansa:
A onda, maior onda se sucede!

Mar alto da impiedade e da esquivança,
Onde Amor encontrou o Cabo Não,
E é Cabo Tormentoso a boa esp'rança!

Mas eu vejo, Senhor, a tua mão;
Eu vejo o teu poder no que acontece,
Nesta immudável dor, nesta aflição.

Pois quando tudo muda, e até parece
Que à inconstância a própria Natureza
Jurou obediência, e lhe obedece:

Que nem no fundo mar se vê firmeza:
Ora as águas subindo, ora descendo,
Agora mansidão, logo braveza;

Nem no doce ribeiro, discorrendo,
Que às vezes se enfurece, e turvo e forte
Surpreende os cordeirinhos que, bebendo,

Da sêde se arrependem, desta sorte;
E as ervas, e as florinhas, namoradas
De quem lhes paga amor com dano e morte!

Nem nessas nuas árvores cansadas,
Que também, pela Páscoa, se hão de ver
Numa ressurreição alevantadas;

Nem na lua, que a gente vê crescer;
Nem nas feras do monte, nem no vento
Firmeza duradoira pode haver;

E nem no coração, no sentimento,
Nas lágrimas que correm pelo rosto
E tantas vezes são contentamento!

E nem no Amor fortíssimo, onde hás pôsto,
Meu Deus, o teu amor, e que criaste
Por suma perfeição, e traz desgôsto!

Pois quando tudo muda, e, por contraste,
Eu nunca vi mudada em alegrias
A dor que tu, Amor, em mim geraste:

Creio que tu, Senhor, não me esquecias...
A Morte ha de mudál-a, à semelhança
Da luz, que muda a noite, e faz os dias!

Oh, bem nascida e pura confiança,
Que nas frágas da vida se enraíza,
E vai além da terra, e o Sonho alcança!

Mas na hora do Fim: quando a baliza
Desta vida daqui se for perdendo
Na vida que esta Voz me profetiza;

Quando Deus for minha alma recebendo,
Limpa de tôda a mancha, ou ruindade,
E do pecado feio, e ódio horrendo;

Quando, cheio de luz e de verdade,
Ao retirar os olhos desta vida
Nem já lembrança houver da escuridade:

Quero que a minha voz seja sumida
De tanta comoção, que a Deus pareça
A voz mais formidável e subida!

Quero que Amor me assista, e me esclareça:
Escute o Céu o rogo que for feito...
E, se não aceder, que lhe obedeça!

Quero o meu coração, dentro do peito,
Tornado pela fé, pela desgraça,
Num coração mansíssimo e perfeito.

Quero vêr-me em virtude, vêr-me em Graça,
De rosto ao Tribunal cheio dos réus
A quem Amor abriu uma devassa...

Pedir por minha Mãe, e pelos Meus,
P'ra que veja de lá sua alegria,
E a minha seja vista lá nos Céus.

E ao seu Suor de sangue e de agonia,
Atormentados passos e Paixão,
Apareça a Aleluia, em algum dia.

Por aquela que fêz meu coração
Tão amargo e tão triste, que nem sei
Se Deus a abrangerá no seu perdão!

Pela linda Menina a quem amei,
P'ra que nela alegrias sejam tantas
Como as lágrimas tristes que chorei;

E a sua vida (à imitação das Santas)
Seja simples e ingénua, e que floresça,
Como a vida das pombas, e das plantas.

Pelos que neste no mundo, nesta espêssa
E fria cerração, amem alguém:
P'ra que Amor os ajude, e os engrandeça.

Por quantos me fizeram algum bem:
Com olhos amorosos me fitaram,
Ou de brandura cheios. E, também,

Por quantos nesta vida me odiaram:
Tão cegos que invejaram minha vinda,
E a partida feliz não me invejaram!

E, com a mesma fé, pedir ainda
Por esta pobre Terra Portuguesa,
A mais triste, entre as outras, e a mais linda.

E contar suas penas e tristeza
Por agora se ver onde é chegada
De tanta formosura e fortaleza...

Ela que foi de Deus a filha amada,
Que, pela sua mão, em direitura
E em tôda a dianteira foi levada!

Terra de ao pé do Mar, a quem ventura
Bordou aquela singular Bandeira,
Tão cheia de esplendor e formosura

Que, quando o Sol a viu desta maneira,
(Ai que inveja lhe teve!) a desejou
Para a terra que tinha por primeira,

Porque primeiro a viu, e alumiou:
E, com tal arte, os nossos foi tentando
Que o forte Capitão lá lha levou...

Terra de ao pé do Mar, tão forte, quando
Grangeava uma fama peregrina
Que eternamente irá peregrinando...

Fama tão grande! Terra pequenina,
Que, dela enchendo o Mundo, se assemelha
A uma candeia acesa que ilumina,

Pequenina tambêm (como uma abelha)
E que tambêm, lá como o povo diz,
«Enche a casa de luz até à telha...»

Ó Nação cristianíssima, e infeliz!
Ó terra que tens fome, e que tens sêde!
«Ó ninho meu paterno», ó meu País,

Por quem ainda o Mar braveja, e pede:
Se roja nas areias, se alevanta,
Em fúrias, em lamentos se desmede!

Por ti hei de pedir; e será tanta,
Ó Pátria, a minha fé, que, só por ela,
Minha alma ficará três vezes santa...

E a Paz demandará, de estrêla a estrêla,
O bom Povo que foi descobridor...
E topará com êle a caravela!

Fortuna ali virá, virá Amor.
E novamente, então, verás erguida
Aquela alta Bandeira de esplendor...

Ó minha triste Pátria estremecida,
Para alegrias grandes restaurada,
Para mortais tristezas decaída!

Tu hás de ser ainda resgatada:
Por essas tristes lágrimas de agora
Serás bemdita ainda, e consolada...

E, lá quando raiar a grande Aurora;
Quando o teu Nome for como um trovão;
Quando fores a terra Precursora,

E a tua lei for água do Jordão:
Lá naquele alto Reino eu lembrarei
O Reino onde bateu meu coração;

Onde tanto sofri, e tanto amei,
E vi cruezas feias, e maldades...
E, chorando e sorrindo, ficarei

Nessa alegria triste das saudades.

POST-SCRIPTUM

Acabei de escrever. Gelado vento
Adormeceu na minha mão a pena,
Ása audaz e lial do Sentimento.

Á hora do serão, hora serêna
Que tem um não sei quê de devoção,
Misteriosos ares de Novena,

Comecei eu a ler, com comoção,
Os versos que escrevi, como ditando
Os foi meu pobre e triste coração.

Fez-se silêncio, em roda. Repoisando
A costura ficava. Olhos poisavam
Em mim, e na minha alma. E às vezes, quando

Os meus olhos erguidos preguntavam
O que esses doces corações sentiam...
As bôcas eram mudas: mas falavam

Os olhos, de onde as lágrimas corriam.

DO AUTOR

Ladainha, 1897.
Eiradas, 1899.
Auto do Fim do Dia, 1900 (2.ª edição).
Alívio de Tristes, 1901.
Cantigas, 1902.
Rimance do Berço, 1902. (Fora do mercado).
Raiz, 1903.
Auto de Junho, 1904. (Esgotado).
Ara, 1904.
Parábolas, 1905.
Tentações de S. Frei Gil, 1907.
O Pinheiro Exilado, 1908.
Elogio dos Sentidos, 1909.
Alma religiosa, 1910.
Cravos, 1910. (Fora do mercado).
Auto das Quatro Estações, 1911 (2.ª edição).
Dizêres do Povo, 1911 (3.ª edição).
Romarias (Separata d'«Aguia»), 1912.
A Criação — I. Vida e História da Arvore, 1913 (2.ª edição).
A Alma das Arvores, 1913. (Adaptação do anterior. Para as crianças).
Os Teus Sonetos, 1914.
Menino, 1914.
A Minha Terra — I. Caminhos — II. Auto do Ano Novo — III. A' Lareira — IV. Vida de Lavrador — V. D'Aquêm e d'Alêm-Ondas — VI. Do Meu Quintal — VII. Os Namorados — VIII. Auto de Junho — IX. Um Lenço de Cantigas — X. Cartas ao Vento.
Estas mal notadas regras..., 1918.